

A atualidade da Retórica e seus estudos: encontros e desencontros

Lineide Salvador Mosca

Universidade de São Paulo

Muito se tem falado da revitalização da Retórica em nossos dias. Mas o que é que isso significa exatamente? Teria ela se desvirtuado ao longo de sua trajetória ou teria sido mal compreendida pelos seus detentores e usuários? Talvez tudo isso conjuntamente e outras questões com que ela se deparou em sua conturbada existência.

De fato, restrições no modo de entender a sua natureza foram responsáveis, a maior parte das vezes, por crises e mal-entendidos que afastaram esta velha ciência, uma das mais prestigiadas na Antigüidade, de seu projeto inicial, tal como concebido e sistematizado por Aristóteles. Uma vez definidos os seus limites, como teoria do discurso persuasivo, e o seu alcance, como um estudo das possibilidades e recursos com vistas à persuasão e a seus efeitos, estamos diante dos traços que a configuram e balizam a sua própria razão de ser.

Na medida em que uma determinada prática discursiva cumpre a sua finalidade com eficácia, ela constitui uma construção retórica e os participantes dela, seja na condição de produtores ou co-produtores, farão também uma leitura retórica nesse circuito, de que resultará o bom êxito do empreendimento em questão. É comum, na Linguística Textual, definir-se *texto* como uma unidade de comunicação, ao que se pode acrescentar o fato de que esta deve cumprir um determinado objetivo, daí a importância dos recursos e dos procedimentos a serem mobilizados para tanto.

Longe estamos, portanto, de considerar as escolhas necessárias a cada situação discursiva como meros expedientes ou requintes de expressão. São bastante reveladores, nesse sentido, os usos que o termo *retórico(a)* vem assumindo em nossos dias, sobretudo nos meios de comunicação, quando se diz, *a retórica da ONU*, *a retórica do presidente* etc, quase que equivalentes a *discurso*, tal como este é concebido nas diversas abordagens das ciências da linguagem. Trata-se do conjunto de fatores que presidem a produção de uma manifestação discursiva, ou seja, de uma proposta de visão da realidade e dos recursos mobilizados para viabilizá-la, daí a identificação de Retórica, num sentido amplo, com Discurso, aproximando-se o texto, ou melhor, a textualidade, de seu sentido específico, a manifestação concreta, na busca dos

A atualidade da Retórica e seus estudos: encontros e desencontros

Lineide Salvador Mosca

meios mais eficientes para o convencimento do que se pretende atingir e a consequente adesão a esse propósito.

Um retrospecto na trajetória que a Retórica percorreu ao longo de sua história pode apontar em que circunstâncias isto se dava e quais as diversas funções que lhe foram sendo atribuídas. Da oralidade inicial, dos espaços amplos e do público não específico, estendeu-se a sua atuação para além do texto oral, efetuando-se também nas manifestações escritas e nos mais diversos gêneros discursivos. Destes, talvez os mais legítimos representantes na atualidade sejam o discurso jurídico, herdeiro direto das primeiras ocorrências em que se defendia a posse das terras na Sicília contra os invasores; o publicitário, pelo direcionamento que impõe e pela ênfase em seu público-alvo; e o político, na acepção ampla que o termo recobre, uma vez que lhe cabe defender o bem comum, mostrar o que é útil ou nocivo à coletividade, entre outras coisas relevantes.

Cabe, pois, destacar a diversidade de seu campo de atuação, uma das razões de sua fecundidade hoje, além do fato de situar-se em pleno terreno da controvérsia, da discussão e do debate, portanto de estar sintonizada com os conflitos de nossos tempos. Assim é que, nos enfoques contemporâneos, a Retórica, conhecida por Nova Retórica, superpõe-se à Teoria da Argumentação, dado o espaço de conflito e de confronto em que é convocada a atuar. Seu campo propício é este, com base no verossímil, naquilo que é razoável e provável, diferentemente das demonstrações lógicas e matemáticas.

Por que se denominaria *Nova*, quando se sabe muito bem que o núcleo duro, ou seja, os pontos fundamentais, permanecem os mesmos propugnados em seu surgimento? Vale dizer, tem sua base em raciocínios dialéticos, na junção do intelectual e do afetivo, no acordo como ponto de partida entre orador e auditório, no convencimento e na persuasão, válidos em todos os níveis, do cotidiano ao mais abstrato, enfim, na adesão pretendida. Esta é uma questão que deve ser colocada quando se trata de avaliar a situação atual dos estudos retóricos. Se há uma parte comum, como constante da própria natureza da Retórica, por outro lado acréscimos se vêm fazendo à medida que outras abordagens vão se formando no interior das Ciências da Linguagem, tais como a consideração pragmática, a teoria dos atos de fala, a perspectiva sociocognitivo-interacionista. Desta última, sobretudo, é significativo o aporte que tem trazido no domínio da compreensão do mecanismo do pensamento e da produção de linguagem, tida como mediadora.

Amplia-se, pois, o campo de pesquisa, ao longo desses anos, ao mesmo tempo em que os trabalhos da argumentação se tornam mais apurados, voltando-se para diferentes tipos de auditórios. A partir de dados da retórica tradicional, a retórica de procedência perelmaniana aceita o fato de que algumas argumentações são dirigidas ao convencimento de todo tipo de auditório,

A atualidade da Retórica e seus estudos: encontros e desencontros

Lineide Salvador Mosca

visto como universal, enquanto outras destinam-se a persuadir determinados grupos em sua particularidade, de onde a diversificação cada vez maior dos públicos atingidos.

Dentro desse quadro, é inevitável que os estudos retóricos, em suas novas versões, venham redistribuindo as suas funções, tais como o aprofundamento da Teoria da Argumentação, postulada por Chaïm Perelman & Tyteca, da Universidade Livre de Bruxelas, com desenvolvimentos atuais de Michel Meyer, A. Lempereur e outros; os trabalhos do Grupo μ , da Universidade de Liège na Bélgica, que se aplicaram também a outras linguagens não verbais; as pesquisas do GRIC, da Universidade Lyon II, com Christian Plantin, Kerbrat-Orecchioni e outros, no que toca à argumentação e interação; a Escola de Genebra, com o estudo dos elementos afetivos nas trocas comunicativas; o Grupo holandês, representado por Grootendorst e Van Eemeren; a retórica integrada de O. Ducrot e seus colaboradores, como Jean-Claude Anscombre; os trabalhos de Olivier Reboul, Ruth Amossy; de Manuel Carrilho, Rui Grácio, Eduardo Guimarães e outros. Na vertente saxônica, cabe citar Stephen Toulmin, que publicou *The Uses of Argument*, na mesma data do *Traité de l'Argumentation*, de Perelman (1958), Kenneth Burke, *A Rhetoric of Motives*, da década de 50 e republicada em 1969 pela Universidade da Califórnia, Berkeley, além de outros.

Alguns fatos foram sendo corrigidos ao longo dessa trajetória, como a questão da eloquência gratuita, a ênfase nos processos mnemotécnicos, a aceitação daquilo que Aristóteles denominava *provas técnicas* somente depois de exploradas as técnicas discursivas, a abolição das fronteiras rígidas dos gêneros do discurso, devido especialmente ao surgimento de gêneros híbridos e de novos formatos ditados pelas transformações tecnológicas ou trazidos pela inventividade humana.

Por outro lado, entroniza-se nos estudos da linguagem e nos demais campos das ciências humanas a preocupação com a subjetividade, tanto no que toca ao orador como ao auditório, enfim, com a intersubjetividade desenvolvida entre ambos. Como ação sobre o entendimento e a vontade, a retórica conjuga as capacidades intelectivas e afetivas, considerando-as indissociáveis, o que possibilita a intervenção de fatores subjetivos na construção dos sujeitos e de seus discursos.

Numa avaliação primeira do estado atual da Retórica, ou seja, de seu estatuto no conjunto dos estudos da linguagem e dos sistemas de significação, assim como das funções que lhe cabe cumprir, pode-se afirmar que a sua vitalidade se deve à proposta de caminhos e alternativas, para os quais se buscam os meios mais eficientes de convencimento e de expressão.

Nas situações de interdependências internacionais em que vive o mundo contemporâneo, faz-se necessário gerenciar e superar conflitos, construindo normas negociadas de convivialidade. É

A atualidade da Retórica e seus estudos: encontros e desencontros

Lineide Salvador Mosca

quando se faz sentir o conceito de *retórico* como o lugar onde se cruzam, se separam e se confrontam diferentes pontos de vista, diversas visões de mundo, de tendências e de preferências. Aqui se incluem questões éticas, estéticas e campos afins, passíveis de controvérsia e aos quais somente por um acordo prévio ou assentimento torna-se viável qualquer negociação. A velha *captatio benevolentiae* dos modelos retóricos tradicionais ainda desempenha aqui importante papel. Estende-se ela até mesmo ao próprio sistema organizacional de eventos e reuniões, em que jantares, brindes, cafezinhos propiciam um clima favorável ao encaminhamento das questões e às negociações delas decorrentes.

O cidadão ou cidadã contemporâneos têm hoje que desenvolver o que se pode chamar de *competência retórica* nesse processo em que o conhecimento e as trocas se fazem de modo interativo. Assim como há uma construção retórica do mundo, há também uma leitura retórica a empreender, ligada aos conhecimentos prévios das partes em questão, aos seus universos de representações e às projeções de suas expectativas e desejos, numa fusão de passado, presente e futuro. Aristóteles, em sua *Retórica*¹, afirmava que esta se serviria de tudo aquilo que num determinado momento fosse capaz de persuadir e teria como finalidade descobrir o que há de persuasivo em cada discurso. Perelman & Tyteca, dando continuidade a essa concepção, no *Tratado da Argumentação*² postulam que o objeto da teoria da argumentação é o “estudo das técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam ao seu assentimento”, além de delinear e detalhar a própria estrutura da argumentação.

Em prosseguimento, Michel Meyer, em seus diversos trabalhos, coloca a questão da distância entre os sujeitos como central, insistindo na função que a retórica tem na redução dessa distância, como mediadora das negociações.

Conforme se pode constatar, a teoria da argumentação, em suas várias formas de existência na atualidade, segundo os pontos enfatizados e os campos de atuação, constitui a espinha dorsal da Retórica em sua redefinição moderna, no quadro mais amplo da Análise do Discurso que, por sua vez, reporta-se a uma teoria geral da significação. O que há de comum entre as diversas abordagens reside no fato de considerarem os traços enraizados na enunciação, bem como a intenção dos interlocutores de influenciar o outro, qualquer que seja ele, de alguma maneira. Sob essa perspectiva, os estudos da argumentação se voltam não apenas para os textos reconhecidamente persuasivos, mas para todo e qualquer tipo de discurso.

¹ Aristóteles, *Retórica*, p. 33.

² Perelman & Tyteca, *Tratado da Argumentação*, p. 5.

A atualidade da Retórica e seus estudos: encontros e desencontros

Lineide Salvador Mosca

A Semiótica, definida inicialmente por Greimas³ como “sistema de significações”, apresenta um arcabouço teórico capaz de situar a Retórica no processo de produção do sentido, podendo-se estabelecer pontos de contacto entre os seus princípios. O reconhecimento das chamadas *partes do discurso*, que inclui a *inventio*, a *dispositio*, a *elocutio* e a *actio*, encontra seus correspondentes na teoria semiótica: a temática e as figurações discursivas (*inventio*); a organização sintagmática, a segmentação e o recorte das unidades discursivas, superiores à frase (*dispositio*); o lugar das figuras de retórica dentro de uma semiótica discursiva e textual, com a possibilidade de uma taxionomia que possa abranger não só o nível da palavra e da frase, mas o do discurso em si (*elocutio*); a consideração dos elementos suprasegmentais (prosódia, entoação, ritmo, voz, timbre, pausas, tom), da cenografia e da movimentação que entram numa atividade discursiva, enfim, a linguagem enquanto ação sobre o mundo e sobre os homens (*actio*).

Em virtude de a *figura* constituir uma peça importante na construção retórica, a ponto de ter sido o alvo quase exclusivo em determinadas épocas da história da Retórica, levando-a a reduzir-se praticamente ao seu estudo, é por esse caminho que Retórica e Semiótica assinalam inicialmente um encontro de perspectivas. Nesse sentido, sua entrada se dá não diretamente, a partir do inventário tradicional herdado da antiga retórica, bastante redundante e não sistemático, mas pelo empreendimento do Grupo μ , da Universidade de Liège, já aqui citado⁴. Jean-Marie Klinkenberg, membro ativo e eminente do Grupo, é autor do prefácio de nossa *Retóricas de Ontem e de Hoje*⁵, editado na Universidade de São Paulo, no qual traça um panorama do estado atual da Retórica, seguido do olhar diacrônico que o assunto requer. Outro ponto estreito de contacto com a Semiótica constitui a *manipulação*, um dos componentes do percurso narrativo canônico desta teoria, com vistas à modalização dos sujeitos e que se dá dentro de um padrão contratual: fazer persuasivo do destinador (pelo poder, pelo saber) e fazer interpretativo do destinatário. À Retórica é fundamental a persuasão, enquanto ação do homem sobre outros homens, conforme já dissemos atrás, voltando-se para as estratégias de convencimento e de persuasão, com vistas a mudar, manter ou incrementar um determinado ponto de vista ou atitude. Portanto, quanto a esse aspecto há muito a examinar em comum.

Em ambas, subjaz uma estrutura contratual sob forma de *pacto fiduciário* (Semiótica) ou *acordo* (Retórica), não se tratando de uma simples troca, mas de uma relação assimétrica baseada no *poder* das partes envolvidas. Basta lembrar que, para a teoria semiótica, o percurso narrativo canônico tem seu ponto alto na *sanção* exercida por um destinador-julgador, portanto, em situação

³ *Dic. de Semiótica*, p. 409.

⁴ *Retórica Geral e Retórica da Poesia*.

⁵ *Retóricas de Ontem e de Hoje*, pp. 11-15.

A atualidade da Retórica e seus estudos: encontros e desencontros

Lineide Salvador Mosca

superior para fazê-lo. Por mais que se fale hoje em interatividade, em concessões, em avanços e recuos, não se pode esquecer a relação de poder que envolve os papéis sociais, a noção de prestígio, a voz de autoridade, a força do modelo e do estereótipo que entram em jogo.

Feitos esses paralelos e evidenciadas as muitas confluências, cabe assinalar a relevância da argumentação na produção discursiva, colocando-a porém no conjunto das estratégias globais e na dependência de outros componentes, que envolvem a adesão dos interlocutores na atividade comunicativa, tais como os aspectos ligados à enunciação, às condições de produção, à memória discursiva, às formações ideológicas, às expectativas. Ficou devidamente provado, ao longo dos tempos, que a eficiência argumentativa não advém tão-somente das qualidades elocucionais e que a Retórica superou a fase de descrença que se abateu sobre ela, ao enfatizar apenas esses dados do plano de expressão. A *Tópica* vem sendo estudada não como um simples repertório de *lugares-comuns*, mas como a base de uma semântica fundamental que, uma vez levantada e descrita, nos daria as bases de uma teoria das culturas, em termos universais. Para a Retórica, é onde se há de buscar o material que fundamentará as provas, contra-provas, os modelos, a voz de autoridade e os recursos para o exercício dos mais variados tipos de argumento. A sistematização para o estudo destes nos vem de Perelman & Tyteca, ao classificá-los em argumentos de dissociação e argumentos de ligação⁶, compreendendo estes últimos os argumentos quase lógicos, os argumentos que se baseiam no real e os argumentos que fundamentam o real. Sua pormenorizada descrição procura dar conta dos mecanismos presentes na atividade argumentativa dos interlocutores que a efetuam nas mais diversas situações do cotidiano e não apenas naquelas mais formais e elaboradas em que são convocados a se pronunciar. Nesse sentido, o discurso jurídico dos tribunais e o das tribunas políticas são os que mais mobilizam os recursos previstos pelas possibilidades do sistema retórico.

Pode-se afirmar que a Retórica já rompeu com os princípios de normatividade que imperaram sobre a arte de bem falar ou da eloquência e que a sua preocupação se volta para qualquer tipo de texto ou manifestação discursiva, uma vez que entende ser a argumentatividade a base de toda e qualquer manifestação discursivo-textual. Portanto, certas limitações que lhe eram atribuídas se esvaíram, ao mesmo tempo que a sua revitalização foi ocorrendo, na medida em que os próprios estudos do discurso se aprofundaram e em que as intersecções entre disciplinas foram bem acolhidas como sinal dos novos tempos.

A Retórica, vista por Perelman como Teoria da Argumentação, tem hoje um alcance que ultrapassa o seu campo, refletindo-se nos estudos do Direito, da Filosofia, da Pragmática. Na visão

⁶ Perelman & Tyteca, *Tratado da Argumentação*, Terceira parte: cap. II, cap. III e cap. IV.

A atualidade da Retórica e seus estudos: encontros e desencontros

Lineide Salvador Mosca

do filósofo italiano Norberto Bobbio⁷, que prefaciou *La Giustizia* do autor, as preocupações do estudioso belga são as de um lógico, comprometido com a realidade social, com as questões vitais de seu tempo. Tendo em conta que a Retórica é uma disciplina para a qual os resultados concretos obtidos são fundamentais, dada a sua natureza e objetivos já aqui delineados, desenvolve ela conexões com campos afins, especialmente com a sociossemiótica e com a etnografia da comunicação.

Considerando o fato de que os atos de interlocução são vistos a partir de uma interação, e não do ponto de vista estritamente lógico, neles estando presentes as competências e intenções de seus participantes, os enunciados passam a ser vistos como produto de estratégias, que levam em conta as tensões existentes entre eles, a manutenção do equilíbrio, a continuidade da relação e não a ruptura, para que a negociação entre as partes possa se estabelecer. Sendo assim, o sentido também é negociado e construído nessa interação. Entram aí as questões da polidez, do agravo e da injúria, do ridículo e outras que a teoria perelmaniana permite compreender melhor. No que toca ao ridículo, por exemplo, o autor o vê como “a arma poderosa de que o orador dispõe contra os que podem, provavelmente, abalar-lhe a argumentação, recusando-se, sem razão, a aderir a uma ou outra premissa de seu discurso”⁸. Mostra, a seguir, como esse tipo de raciocínio pode traduzir-se pela figura da ironia, que é passível de ser utilizada em todas as situações argumentativas, por ser ela indireta.

A partir de conceitos básicos, formulados pela Retórica antiga e reestudados pela Nova Retórica, tem-se um arcabouço teórico e metodológico apto, por exemplo, a descrever e a analisar a formação de um determinado *ethos*, seja ele coletivo ou individual, dentro de um jogo de representações que se dá entre as partes envolvidas no processo de trocas comunicativas e de constituição das respectivas identidades. A questão identitária torna-se fundamental nos controvertidos dias em que vivemos, numa sociedade cada vez mais complexa, daí a ligação bastante produtiva com as disciplinas atrás mencionadas.

Quando se trata do *ethos*, torna-se impossível não falar do *pathos*, que compõem a tão conhecida tríada da antiga retórica, ao lado do *logos*, que constitui a sua base central. Trabalhando com representações de si próprio, o *ethos* também absorve a do outro, através de seu *pathos*. As provas assim chamadas *patéticas* desenvolvem-se pela mobilização das paixões do auditório, mediante representações de seus comportamentos, ações ou situações que possam desencadear as emoções desejadas. A paixão, portanto, é relação com o outro e representação interiorizada da

⁷ Prefácio a *La Giustizia*, de Chaïm Perelman, p.9.

⁸ Perelman & Tyteca, *Tratado da Argumentação*, p. 234.

A atualidade da Retórica e seus estudos: encontros e desencontros

Lineide Salvador Mosca

diferença em relação a esse outro, de onde o clima de tensão, decorrente também da própria ambigüidade das paixões.

Em matéria que escrevemos para uma obra coletiva em homenagem a Perelman e na qual tratamos do lugar da afetividade em sua teoria⁹, fica ressaltada a idéia de que o autor se recusa a separar o *pathos* do *logos*, fiel ao projeto da retórica aristotélica, que considera a influência das paixões nos julgamentos. A ação sobre o entendimento e a ação sobre a vontade estariam unidas e não isoladas uma da outra. Um discurso bem construído, segundo a antiga retórica, é aquele que conjuga o ensinar (*docere*), o emocionar (*movere*) e o agradar (*delectare*). Esse famoso tripé tem sido de grande valia até os nossos dias, em que do equilíbrio dessas partes decorre a eficácia dos resultados, havendo sempre um elo comunicativo entre essas operações do aparato retórico. O comover consistiria em excitar as paixões e uma certa ternura e o agradar estaria ligado à própria sedução, tema também vital ao trabalho retórico, quer na produção quer na recepção. Sob a perspectiva em que se coloca a Retórica, é imprescindível contar com as reações dos destinatários (avanços, recuos, concessões, agressões etc).

A própria classificação que Perelman faz das figuras reflete esse estado de coisas, ao considerá-las como de presença, de comunhão e de escolha. É sempre de um envolvimento que se trata, ligado ao conceito de *adesão*, fundamental em sua teoria. Diante do reexame do estatuto das figuras, fez-se necessária uma nova classificação, respeitando, antes de tudo, o seu papel argumentativo – convencer e persuadir – ou seja, a sua capacidade de agir sobre o outro.

De fato, a argumentação só é tida como eficaz quando chega a persuadir o outro, não bastando a simples apresentação das provas e das razões. É evidente que cabe também chamar a atenção para o cuidado que se deve ter no apelo aos sentimentos, a fim de evitar a manipulação perniciosa e as falácias do discurso. A competência retórica implica em discernir essas situações discursivas e a desvencilhar-se delas. A função das emoções no processo argumentativo tem dado motivos a controvérsia, havendo os que repelem a sua intervenção por julgá-la nociva a uma isenção de julgamento.

Nas teorias contemporâneas da argumentação, posições mais moderadas a esse respeito têm-se desenvolvido, baseadas na coexistência dos fatores racionais e não racionais. Cabe citar os trabalhos de Douglas Walton (1992), de Philippe Breton (2000), de Michel Meyer (1989, 1991), de Christian Plantin (1998), entre outros. Para Perelman, a razão é passível também de emocionar e a figura de suscitar a reflexão. Exemplo desse fato, tem-se, por exemplo, num poeta como João Cabral de Melo Neto, considerado um poeta cerebral, com predomínio da função intelectual da

⁹ Mosca, "A teoria perelmaniana", pp. 129-140.

A atualidade da Retórica e seus estudos: encontros e desencontros

Lineide Salvador Mosca

linguagem e não de sua realização afetiva. Sua composição, argumentativamente cerrada, com entimemas rigorosamente construídos, com os operadores argumentativos explícitos, não deixa de atingir altos pontos de emotividade. Na rede de figuras retóricas estaria, em grande parte, o seu poder de sugestão e de convencimento: o discurso como um rio seria uma das mais recorrentes.

Não é de espantar, pois, que Aristóteles tenha se voltado tão intensamente ao estudo das paixões e que esta continuidade se dê nos estudos atuais. As modalizações e as paixões constituem hoje temas relevantes na Semiótica Discursiva e a Retórica tensiva também tem sido alvo de seus estudos, conforme se depreende dos trabalhos do Grupo Intersemiótico de Paris, da Ecole de Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS/CNRS). A nosso ver, pode-se mesmo propor um modelo sêmio-discursivo-retórico, abrangendo a produção de sentido e a função persuasiva.

O enfoque retórico, a que nos referimos ao longo desta exposição, é fruto, pois, de uma visão integrada que absorve estudos ligados à questão da produção de imagem e da identidade, sem se distanciar do arcabouço retórico que lhe serve de base, desde as suas primeiras manifestações e sistematizações.

Cada vez mais significativa é também a questão da *opinião* e de sua formação, reforçada pelo trabalho da mídia, ainda que bastante controvertido e discutível. Não seria retórico se assim não fosse, domínio que é da controvérsia e do polêmico. Não há o que discutir e argumentar, onde reina o consenso. É exatamente o dissenso o seu campo de atuação. Este ponto vem reforçar a idéia de que a argumentação não é coerciva, havendo a possibilidade da contra-argumentação, da refutação, da desqualificação do outro e de outros expedientes a serem desenvolvidos no trabalho de aquisição da competência retórica.

O jornal, como espaço público de representação simbólica, conjuga o conjunto das noções do senso comum, das crenças aceitas e admitidas, das aspirações partilhadas e não passíveis de discussão, enfim, daquilo que no pensamento grego se chamava *doxa*, ao domínio das coisas suscetíveis de discrepância, de desacordo, consideradas como de opinião, de não-unanimidade, de cruzamento de forças, de influências e interesses. Cabe ressaltar o fato de que muitas vezes a imprensa projeta a idéia de consenso, onde realmente ele não existe, sobretudo quando ela está muito preocupada com a própria imagem e a sua manutenção no mercado, como atividade empresarial que se tornou, dependendo de concorrência, lucros e outras vantagens. É de se comparar as campanhas publicitárias dos jornais e revistas de maior tiragem e que constituem referência nos países onde atuam. A disputa pelos leitores é acirrada, lançando no mercado os mais eloqüentes slogans no que toca à própria imagem. Fica, assim, descartada a questão da neutralidade, uma vez que os fatos são filtrados por determinados pontos de vista, havendo uma

A atualidade da Retórica e seus estudos: encontros e desencontros

Lineide Salvador Mosca

hierarquização de valores nessa atribuição de sentido, não se devendo esperar que haja uma transparência absoluta, mas possibilidades de aproximações, considerando ainda o fato de que o próprio discurso não se apresenta unívoco, mas repleto de nuances e conotações.

É crescente o papel que a *opinião pública* vem desempenhando no encaminhamento das decisões, na aceleração dos acontecimentos, tornando-se um poderoso actante narrativo que *faz ser* e *faz fazer* na grande narrativa que constitui a História. Em pleno campo do plausível, do razoável, daquilo que Rui Grácio denomina *racionalidade argumentativa*¹⁰, a opinião torna-se hoje tão forte como porta-voz da coletividade, que assume muitas vezes o controle de uma situação de conflito. É evidente que isto se dá principalmente através da mídia, que deveria constituir um espaço de debate e de formação de opinião em seu papel mediador, portanto um espaço de argumentação. As muitas regulamentações a que se quer submeter a imprensa podem ser determinadas por agentes do poder, por forças econômicas ou outros setores que tentam impedir o exercício livre da argumentação, por considerá-la contrária aos seus interesses. A convivência de muitos organismos da imprensa com a classe dos políticos tira-lhes a possibilidade de exercer a legítima função que lhes cabe, a de resistência, tão comprometidos se encontram com grupos de diversas naturezas, com relações partidárias. Na realidade, os próprios cidadãos se incumbem de avaliar o desempenho da imprensa, o que se pode verificar nos índices de credibilidade ou de desconfiança que lhe são atribuídos. O reconhecimento de que se trata de um determinado ponto de vista relativiza toda e qualquer informação, além de colocar em xeque a pretensa objetividade. Há que se contar com um jogo de subjetividades ou com o que se poderia considerar uma objetivação dos fatos, ambos filtradores e redutores da realidade. Cabe, ainda, levar em consideração que o não-dito faz parte também da produção do sentido, por meio dos pressupostos, dos subentendidos e daquilo que se cala, quer intencionalmente, quer por imposição da censura.

Todos esses elementos nos levam a uma arte de ler, a que denominamos *leitura retórica*, já mencionada aqui. Partindo do plano de expressão, isto é, do conjunto de marcas identificáveis no texto, ou seja no *dito*, pode-se representar o plano do conteúdo, que dá acesso ao sistema de conotações dos significados, o *dizer*, com as suas possíveis intencionalidades. Isto nos mostra a importância da formação do leitor crítico. Ele terá que indagar sempre sobre as circunstâncias de produção de determinada manifestação discursiva que o afeta, questionar o valor jurídico da palavra que lhe é endereçada (Quem tem direito para dizer o quê? Como é regulado o direito à palavra? etc). Em relação às populações de pouca ou média instrução esta atitude será básica

¹⁰ Grácio, Prefácio de *Racionalidade...*, p. 10.

A atualidade da Retórica e seus estudos: encontros e desencontros

Lineide Salvador Mosca

naquilo que se pode chamar *leitura referencial do mundo*, mesmo fora de qualquer instrução escolarizada.

Ao nos situarmos dentro de uma teoria da argumentação – espaço da intersubjetividade – estamos em pleno campo da convergência para uma ação. A Retórica aqui figura em toda a sua plenitude, tal como era concebida na Antigüidade pelos filósofos greco-romanos, que não separavam sabedoria e palavra (diríamos, *discurso*).

Uma das maiores preocupações das Novas Retóricas foi a de reavaliar e restabelecer o equilíbrio perdido das partes da retórica, com a hipertrofia valorativa da *elocutio*, uma vez que o plano de expressão havia tomado o primeiro lugar, especialmente no que tocava ao estatuto das figuras retóricas. Valorizam-se também a *actio* e a *memória*, conforme se pode ver no crescente número de trabalhos sobre sentido e percepção, corporalidade, gestualidade, cenografia. Esta última é alvo da etnografia da comunicação e também das teorias do discurso, especialmente das pragmático-enunciativas.

Para finalizar, podemos dizer que a tradição retórica está mais presente do que nunca, sobretudo depois que novas luzes foram trazidas a antigos conceitos ainda não suficientemente desenvolvidos. Um sistema de princípios coerentes presta-se hoje à análise dos mais variados objetos sociais, ligados ao Direito, à Filosofia, ao Discurso e às Ciências Humanas de modo mais geral. Muitas são as pesquisas já elaboradas sobre esses princípios e outras estão em pleno andamento. Não cabe aqui mencioná-las para que não se cometa a falha da omissão de uma ou outra delas.

De nossa parte, defendemos que a teoria da argumentação – conhecida como a Retórica de nossos dias, profundamente vinculada ao saber de nossos antepassados culturais – pode conduzir a uma posição de dialogicidade, que não anularia as subjetividades, mas dialeticamente as incorporaria em sua trajetória, valendo-se delas para chegar à construção de novos saberes, novas atitudes, na construção de uma sociedade mais democrática.

Perelman deixou-nos lições preciosas nesse sentido, sobretudo de tolerância e de liberdade. No prefácio de *O Império Retórico*¹¹, ele elucida tudo aquilo que propôs como princípios básicos e que se estendem a questões éticas e políticas de nosso tempo, dentro do espírito daquilo que ele concebe como teoria da argumentação: “Mas todos os que crêem na existência de escolhas razoáveis, precedidas por uma deliberação ou por discussões, nas quais as diferentes soluções são confrontadas umas com as outras, não poderão dispensar, se desejam adquirir uma

¹¹ Perelman, *O Império Retórico*, p. 27.

A atualidade da Retórica e seus estudos: encontros e desencontros

Lineide Salvador Mosca

consciência clara dos métodos intelectuais utilizados, uma teoria da argumentação tal como a nova retórica apresenta”.

As questões éticas com as quais a sociedade se depara na atualidade e que afetam a própria Ciência são inseparáveis de uma teoria da ação e exigem mudanças e novas posturas. Há disputas que são de cunho simbólico e que se apresentam de modo bastante intrincado. Acresce, ainda, uma crise de credibilidade e de confiabilidade nos poderes públicos e no tratamento da informação. Por outro lado, o conceito de cidadania responsável prende-se ao uso de um discurso competente, como poderoso instrumento de ação, de onde o reflorescimento da Retórica em nossos dias, senão mesmo o seu rejuvenescimento.

Dentro desse quadro de remoção dos obstáculos é que temos que considerar a função da Retórica e o que ela tem a cumprir em seu papel fundador. Pode parecer uma postura idealista, mas é ela mesma que reluta em manter o caráter daquilo que é humano. Esse seria o pensamento retórico por excelência ao qual se seguiria um diálogo retórico, na administração dos conflitos, com a aceitação das diferenças e do respeito ao outro.

Bibliografia

ARISTÓTELES, *Arte Retórica e Arte Poética*, Rio de Janeiro: Ediouro, s/d. (trad. de *Rhétorique*, Paris: Les Belles Lettres, 1967. *Poétique*, Paris: Les Belles Lettres, 1979)

Bertrand, Denis, *Caminhos da Semiótica Literária*, Bauru / SP: EDUSC, 2003 (trad. de *Précis de sémiotique littéraire*, Paris: Nathan, 2000)

BOBBIO, Norberto, Prefazione a *La Giustizia*, de Chaïm Perelman, Torino: G. Giappichelli, 1958

BRETON, Philippe, *La Parole Manipulée*, Paris: La Découverte, 2000

BURKE, Kenneth, *A Rhetoric of Motives*, Berkeley: University of California Press, 1969

CARRILHO, Manuel, org., *Retórica e Comunicação*, Lisboa: Ed. ASA, 1994

GRÁCIO, Rui, *Racionalidade Argumentativa*, Porto: Ed.ASA, 1993

A atualidade da Retórica e seus estudos: encontros e desencontros

Lineide Salvador Mosca

GREIMAS, A. J., COURTÈS, J., *Dicionário de Semiótica*, São Paulo: Ed. Cultrix, s/d. (trad. de *Dictionnaire Raisoné de la Théorie du Langage*, Paris: Hachette, 1979)

GREIMAS, A. J., LANDOWSKI, E., *Análise do Discurso em Ciências Sociais*, São Paulo: Global, 1986 (trad. de *Introduction à l'Analyse du Discours em Sciences Sociales*, Paris: Hachette, 1979)

GRUPO μ , *Retórica Geral*, São Paulo: Cultrix/ Edit. da Universidade de São Paulo, 1974 (trad. de *Rhétorique Générale*, Paris: Larousse, 1970)

GRUPO μ , *Retórica da Poesia*, São Paulo: Cultrix/Edit. da Universidade de São Paulo, 1980 (trad. de *Rhétorique de la Poésie*, Bruxelles: Ed. Complexe, 1977)

GRUPO μ , *Traité du Signe Visuel. Pour une Rhétorique de l'Image*, Paris: Seuil, 1992

MEYER, Michel, *Questões de Retórica: Linguagem, Razão e Sedução*, Lisboa: Edições 70, 1998 (trad. de *Questions de Rhétorique: Langage, Raison et Séduction*, Paris: Libr. Générale Française, 1993)

MOSCA, Lineide L.S., org., *Retóricas de Ontem e de Hoje*, São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 3.^a ed., 2004 (1.^a ed. 1997, reimpr.1999, 2.^a ed. 2001)

MOSCA, Lineide L.S., "A teoria perelmaniana e a questão da afetividade", *Chaïm Perelman: Direito, Retórica e Teoria da Argumentação*, org. E. Chagas Oliveira, Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana / Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Filosofia, 2004, pp. 129-140

MOSCA, Lineide L.S., "Subjetividade e formação de opinião na mídia impressa", *Nas Telas da Mídia*, org.^s M.I. Guilardi e V.H. Barzotto, Campinas / SP: Alínea Editora, 2002, pp.9-22

PERELMAN, Chaïm, *O Império Retórico. Retórica e Argumentação*, Porto: Ed. ASA, 1993 (trad. de *L'Empire Rhétorique*, Paris: Ed. Vrin, 1977)

A atualidade da Retórica e seus estudos: encontros e desencontros

Lineide Salvador Mosca

PERELMAN, Chaïm, OLBRECHTS-TYTECA, Lucie, *Tratado da Argumentação. A Nova Retórica*, São Paulo: Martins Fontes, 1996 (trad. de *Traité de l'Argumentation. La Nouvelle Rhétorique*, Paris: PUF, 1958)

PERELMAN, Chaïm, *Retóricas*, São Paulo: Martins Fontes, 1997 (trad. de *Rhétoriques*, Bruxelles: Ed. de l'Université de Bruxelles, 1989)

PLANTIN, Christian, et alii, *Les Émotions dans les Interactions*, Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 2000

TOULMIN, Stephen, *The Uses of Argument*, Cambridge: Cambridge University Press, 1958

WALTON, Douglas, *The Place of Emotion in Argument*, The Pennsylvania Univ. Press, 1992